

Nova educação, maior flexibilidade do emprego

Chris Schena *

O mundo se transforma numa velocidade nunca vista e começa a se tornar comum empresas mudarem completamente seus objetivos comerciais, transferindo-se para novos campos, com outras exigências e competências. Essa realidade tem um impacto forte na forma como as pessoas terão de gerenciar suas próprias carreiras a partir de agora. Acabou-se o tempo em que alguém pegava seu diploma, começava a trabalhar numa empresa e lá permanecia na mesma função pelo resto da vida. Há ainda um grande impacto sobre a forma como o sistema educacional tradicional encara o treinamento. As questões fundamentais passam, portanto, por dois aspectos: primeiro, se os empregados terão a flexibilidade e a capacidade necessárias para aceitar esse ambiente de trabalho em constante mudança; segundo, se o sistema educacional está preparado para capacitar pessoas para esse novo e desafiante ambiente.

A maioria dos profissionais que estão estreando no mercado de tra-

balho tem de lidar com a possibilidade de mudar o rumo de suas carreiras e a área de atuação profissional de três a cinco vezes antes de se aposentar. Com base nisso, citar Sócrates mostra-se adequado e muito atual: "Só sei que nada sei". Todos os profissionais terão de se reeducar continuamente. Os empregados precisarão gerenciar suas carreiras como se gerenciassem seu próprio negócio, melhorando sempre suas habilidades e capacidade de oferta. O pacote de habilidades individuais se transforma em um produto. O empregador é o cliente, que tem problemas a serem resolvidos e não simplesmente vagas a serem preenchidas. Características como a flexibilidade, criatividade, pró-atividade serão essenciais. Os empregados crião novas dimensões para suas funções, estabelecendo sistematicamente novos perfis. Terão de ser capazes de trabalhar muito bem em equipe e, ao mesmo tempo, mostrar-se excelentes líderes, com habilidade para inovar e motivar. Os novos profissionais terão de se especializar, de ser os melhores em sua área de atuação, isto é, dominar as

competências básicas, enquanto rapidamente se adaptam a diferentes e múltiplas funções. Dessa forma, tão logo atinjam um determinado estágio de competência, devem se mover imediatamente para o próximo nível. Esses empregados serão julgados por sua habilidade e destreza em se transformar e se adaptar às novas responsabilidades. Desafiar os limites de seu próprio conhecimento e antecipar mudanças serão exigências do novo cenário. A mudança deverá ser vista como oportunidade, e não como ameaça. A chave do processo é reinventar-se o tempo todo. Como já dizia Lester Thurow, um conhecido professor do MIT: "O mundo competitivo oferece-lhe duas possibilidades: você pode perder ou, se quiser vencer, você pode mudar". A escolha é de cada um.

O sistema educacional precisa se adaptar a esse novo mundo. Caso não o faça, será substituído. O novo sistema educacional precisa ser ad-



ministrado como uma empresa, com uma missão e com produtos que possam ser oferecidos e possuam vantagens competitivas. Precisa ser pró-ativo na introdução de mudanças. Atualmente, a atualização dos currículos só ocorre bem depois de as tecnologias terem sido implementadas. No futuro, as escolas liderarão o processo de implementação de tecnologias. Escolas e universidades serão precursoras de novas idéias e tecnologias — e não seguidoras de tendências. Deverão antecipar as necessidades e adaptar a

elas seus programas. O sistema educacional deverá preparar profissionais flexíveis, abertos à possibilidade de se reinventarem continuamente, pondo-os no mercado. Os que forem treinados dentro dessa nova abordagem deverão ser capazes de, imediatamente, agregar valor à empresa à qual se juntarem com a criação de novos processos e métodos de trabalho. Esse novo sistema educa-

cional deverá se posicionar como um fornecedor de soluções, um consultor, um parceiro para a indústria. Para atingir esse estágio, estará sempre em busca de novas oportunidades e de melhorias. Os antigos currículos impostos pelo governo precisarão ser revistos, com um foco nas competências de cada escola, de cada curso, sempre com um direcionamento feito pelas necessidades do mercado. Será normal no futuro — e já estamos vendo os primeiros passos sendo dados nesse sentido — ver uma sadiça concorrência entre as escolas, nas quais desempenhos serão medidos em termos de qualidade dos estudantes que estão pondo no mercado de trabalho. Empregadores e estudantes procurarão primeiramente aquelas instituições com os melhores recordes acadêmicos, ou seja, os melhores formadores de profissionais. Com certeza, os estudantes altamente especializados, vindos das melhores escolas, bem como seus professores, conseguirão os melhores salários. Também a forma de levantamento de recursos para pesquisa e desenvolvimento nesse novo cenário deverá mudar. Os subsídios governamen-

tais desaparecerão a qualquer momento, enquanto os custos com pesquisa e desenvolvimento continuará a crescer. Assim, os sistemas educacionais mundo afora terão de juntar forças, fazer alianças para atingir a tão necessária economia de escala. Alianças internacionais mudarão o cenário educacional da mesma forma que as mega fusões mudaram a economia global. Nessa nova realidade, parcerias entre a comunidade acadêmica e o setor empresarial vão surgir e crescer.

Esses são os desafios que terão de ser enfrentados pelos indivíduos e pelo sistema educacional num futuro próximo. A sociedade do amanhã terá um dinamismo nunca visto. Flexibilidade, capacidade de adaptação e profissionalismo serão a chave para o desenvolvimento das empresas, de seus empregados e do sistema educacional. Os países que saírem na frente e adaptarem suas instituições educacionais para atender às exigências dessa nova realidade ganharão enormes vantagens competitivas. O Brasil pode ser um desses países. ■

* Presidente da Caterpillar Brasil.